

Para Ribeiro e Fletcher, repetência é grande problema

29 JAN 1987

Especialistas pedem ensino melhor e não novas escolas

JORNAL DO BRASIL

Brasília — No atual sistema de ensino brasileiro, o governo teria de aplicar duas vezes e meia o valor que investe normalmente na educação, para garantir que a geração matriculada agora no primeiro ano conclua as oito séries do 1º Grau no tempo previsto. O diagnóstico será anunciado em Brasília, no dia 12 de fevereiro, aos novos secretários de Educação, pelos professores Sérgio Costa Ribeiro, brasileiro, e Philip Fletcher, norte-americano, convidados para o encontro pelo secretário-geral do Ministério da Educação, Aloísio Sotero. Segundo os professores, o maior problema são os efeitos da repetência e da evasão escolar, e o tratamento que recomendarão aos novos governos dá muito mais ênfase à melhoria do ensino do que à construção de novas escolas.

Ribeiro é coordenador do Programa de Estudo em Política de Educação Superior do Ministério da Educação e Fletcher, perito em avaliação de programas sociais da Organização Internacional do Trabalho. Os dois passaram vários fins de semana nos últimos meses em frente a um computador, cruzando informações sobre idade, escolaridade e nível de renda da população a partir de informações do IBGE.

A conclusão mais importante do trabalho é que existe, no país, espaço para quase todas as crianças na rede

escolar. O problema maior é a repetência, causada tanto por problemas sociais, como pela baixa qualidade de ensino. Quem volta aos bancos do primeiro ano, quando já deveria estar na segunda série, tira o lugar de quem precisa entrar na escola. Se isso não ocorresse, garante a pesquisa, todos os alunos em idade escolar poderiam efetivamente passar oito anos na escola e concluir o 1º grau.

— Os novos secretários de educação precisam saber que não devem sair por aí só construindo escolas — avisa Sérgio Costa Ribeiro: “Nós temos necessidade de uma revolução cultural, pois, se os problemas estão na escola, as soluções muitas vezes estão fora dela”.

Como exemplo, Ribeiro lembra que 40% dos professores de 1º Grau ganham menos de um salário mínimo. E cita três pontos que devem merecer a atenção dos governadores que tomam posse em março: a permanência da criança na escola o maior tempo possível, o aprimoramento dos professores e a melhoria de seus salários.

— Segundo o ponto de vista míope dos burocratas de Brasília, o Brasil tem um ensino barato — diz Fletcher. “Mas, se a gente mede a relação entre os gastos feitos e os benefícios conquistados, vai perceber que o sistema de ensino brasileiro é tão caro como o dos Estados Unidos”, afirma o norte-americano.